

O PROGRAMA ACESSA ESCOLA NO DISCURSO DOS PROFESSORES DE MATEMÁTICA DAS ESCOLAS ESTADUAIS DE LIMEIRA

Tiago Giorgetti Chinellato
Universidade Estadual Paulista “Júlio de Mesquita Filho”
tiagogiorgetti@gmail.com

Sueli Liberatti Javaroni
Universidade Estadual Paulista “Júlio de Mesquita Filho”
suelilj@fc.unesp.br

Resumo:

Esse artigo vem expor o programa ACESSA Escola, no discurso dos professores. Para realizar tal pesquisa, primeiramente fizemos um levantamento dos programas governamentais que foram criados para a inserção dos computadores no ambiente educacional. Em seguida fizemos uma explanação do que é o programa ACESSA Escola e como esse está sendo retratado nas escolas de Limeira. O próximo passo vem mostrar o discurso dos professores quando questionados sobre o uso do ACESSA e dos computadores dentro do ambiente escolar, para tal feito foram realizadas entrevistas com os educadores a fim de ouvir seus entendimentos. Tendo realizado as entrevistas, apontamos nesse artigo, algumas frases que nos chamaram a atenção. Para análise dessas locuções utilizamos a metodologia de Análise de Discurso, explicitados por Orlandi (2009) que define três tipos de discurso: autoritário, polêmico e lúdico. Por fim apresentamos nossas considerações sobre o que foi visto e presenciado durante as visitas as escolas.

Palavras-chave: ACESSA Escola, Tecnologia da Informação e Comunicação, Análise de Discurso, Educação Matemática.

1. Introdução

Esse artigo é um recorte de uma pesquisa de mestrado em andamento que tem por objetivo pesquisar como as Tecnologias da Informação e Comunicação (TIC), em especial o computador, está sendo integrado nas aulas de matemática do Ensino Fundamental II de 10 escolas públicas estaduais da cidade de Limeira, no estado de São Paulo.

Essa dissertação faz parte de um projeto maior, OBEDUC (Observatório da Educação) que é categorizado como um projeto guarda-chuva onde essa dissertação se enquadra como um dos projetos que estão sendo desenvolvidos em parceria. Esse projeto

maior tem como objetivo fazer um mapeamento de como as tecnologias digitais, mais especificamente o computador, está sendo utilizado nas aulas de matemática das escolas públicas do estado de São Paulo, no Ensino Fundamental II.

Com isso, iniciamos esse artigo apresentando alguns programas governamentais e estaduais criados com o intuito de promover a inserção dos computadores nas escolas públicas estaduais.

A seguir apresentamos o programa Acessa Escola, que é do governo estadual paulista, e que está presente em todas as escolas públicas do estado de São Paulo.

Dando continuidade ao artigo, exibiremos algumas falas de professores, que foram entrevistados para compor os dados dessa pesquisa, acerca do programa Acessa Escola e suas expectativas quanto a esse programa em suas práticas escolares.

Em seguida, analisaremos as falas desses educadores sob a ótica da Análise de Discurso, segundo Orlandi (2009) que divide o discurso em autoritário, lúdico e polêmico. Mostraremos a diferença entre esses discursos e analisaremos as falas dos professores nessas três vertentes. Apresentaremos também algumas concepções de Fiorentini e Lorenzato (2006) que expõe a questão da Análise de Discurso como metodologia.

Finalmente, tecerei considerações a partir da análise das falas dos professores em relação ao programa Acessa Escola.

2. A tecnologia na escola aliada aos programas governamentais

Dando início à pesquisa, buscamos informações sobre como o governo aborda o assunto das tecnologias no ambiente educacional, procurando saber quais programas educacionais foram criados, quais estão em vigor e o que foi investido para equipar as escolas.

Muitos programas foram criados no âmbito federal com o intuito de trazer a tecnologia informática para o meio educacional, e alguns planos nomeados foram: Educação e Computadores (EDUCOM), Projeto Nacional de Formação de Recursos Humanos em Informática na Educação (FORMAR) e o Programa Nacional de Informática na Educação (PRONINFE).

O primeiro projeto EDUCOM, foi criado em 1983 pelo Ministério da Educação e Cultura (MEC) e pela Secretaria Especial de Informática. Segundo Cosenza (1985), o EDUCOM

Caracterizava-se como um experimento de natureza intersetorial de caráter essencialmente educacional, onde cada entidade pública federal participa, não apenas custeando parte dos recursos estimados, mas também acompanhando seu planejamento, a sua execução e avaliação. (COSENZA, 1985, p.12)

Essas entidades públicas foram a Universidade Federal do Rio de Janeiro (UFRJ), Universidade de Campinas (UNICAMP), Universidade Federal do Rio Grande do Sul (UFRGS), Universidade Federal de Pernambuco (UFPE) e Universidade Federal de Minas Gerais (UFMG), que funcionariam como centros-piloto, voltadas à pesquisa no uso de informática educacional, à capacitação de recursos humanos e introdução do computador no Ensino Fundamental e Médio, como relata Oliveira (2007).

Outro projeto, o FORMAR, segundo Borba e Penteado (2001) foi uma iniciativa dentro do EDUCOM e tinha a finalidade de:

Formar recursos humanos para o trabalho na área de informática educativa. [...] foram oferecidos cursos de especialização para pessoas oriundas de diferentes estados. Essas pessoas deveriam, ao final do curso, atuar como multiplicadores em sua região de origem (BORBA e PENTEADO, 2001, p.20).

Outro projeto foi o PRONINFE que foi lançado em 1989 pelo MEC dando continuidade às iniciativas anteriores e mais ênfase na criação de laboratórios e capacitação de professores, assim como expõe Marx (ca. 2008).

Oito anos mais tarde em 1997, foi criado pelo MEC o ProInfo, inicialmente denominado de Programa Nacional de Informática na Educação, que segundo o site do MEC

[...] é um programa educacional com o objetivo de promover o uso pedagógico da informática na rede pública de educação básica. O programa leva às escolas computadores, recursos digitais e conteúdos educacionais. Em contrapartida, estados, Distrito Federal e municípios devem garantir a estrutura adequada para receber os laboratórios e capacitar os educadores para uso das máquinas e tecnologias (MINISTÉRIO DA EDUCAÇÃO).

O ProInfo foi criado com a finalidade de promover o uso da Telemática¹ como ferramenta de enriquecimento pedagógico no ensino público fundamental e médio. As ações desse programa foram desenvolvidas pela Secretaria de Educação a Distância -

¹Conjunto de serviços informáticos fornecidos através de uma rede de telecomunicações

SEED, do MEC, por meio do Departamento de Infra-Estrutura Tecnológica - DITEC, em articulação com as Secretarias de Educação do Distrito Federal, dos Estados e de alguns Municípios.

Tendo em vista esses programas criados pelo governo, no ano de 2006 o Fundo Nacional de Desenvolvimento da Educação (FNDE) emitiu um edital sobre a questão de ampliação e compra de equipamento para os laboratórios de informática onde

O Edital nº 38/2006 destina-se à compra de 75.800 computadores para 7.580 laboratórios de informática em todas as escolas públicas de ensino médio do país. É importante favorecer o processo didático-pedagógico com as tecnologias", diz o diretor do Departamento de Infra-Estrutura Tecnológica em Educação a Distância do MEC, Espártaco Madureira Coelho. "Também vamos prepará-los para o mercado de trabalho por meio da informática", disse. Os laboratórios serão distribuídos pelo Programa Nacional de Informática na Educação (ProInfo). Criado em 1997, o programa montou 7.200 laboratórios em escolas públicas. Cada um tem dez microcomputadores e uma impressora a laser. (MINISTÉRIO DA EDUCAÇÃO).

Com relação aos programas estaduais, a Secretaria Estadual de São Paulo, em 1998, lançou o programa “A escola de cara nova na era da informática” que investiu na formação de laboratórios de informática com mais de 40 títulos de software, que tratavam de diversos assuntos, dentre os mais empregados pelos educadores matemáticos destacam-se: Cabri II, Supermáticas, Fracionando, Divide and Conquer, Excel, Factory, Bulding Perspective.

Outro programa também criado pelo governo paulista, o ACESSA São Paulo², um programa de inclusão digital do Governo do Estado de São Paulo, foi estabelecido em julho de 2000, oferecendo para a população do Estado o acesso às novas tecnologias da informação e comunicação em especial à internet, contribuindo para o desenvolvimento social, cultural, intelectual e econômico dos cidadãos paulistas.

Para atingir seus objetivos, o Programa ACESSA São Paulo abre e mantém espaços públicos com computadores para acesso gratuito e livre à internet. O programa trabalha com três frentes sendo eles a visão, missão e os valores.

A visão tem como objetivo acabar com a exclusão digital no Estado de São Paulo, sendo reconhecido internacionalmente como referência em inclusão digital. A missão é de garantir acesso democrático e gratuito às tecnologias da informação e comunicação. Com

²<http://www.acesasp.sp.gov.br/> (acessado às 14:10.03 do dia 10/02/2013)

relação aos valores tem se por meta trabalhar com respeito ao cidadão e sua diversidade, promovendo o conhecimento livre e a colaboração, para inclusão digital e social dos cidadãos do Estado de São Paulo.

Quando pensamos no computador dentro do ambiente escolar, a Secretaria da Educação do Estado de São Paulo criou em 2008, o programa Acessa Escola com a finalidade de promover a inclusão digital e social dos alunos, professores e funcionários das escolas da rede pública estadual.

3. O programa Acessa Escola

O Acessa Escola é um programa do Governo do Estado de São Paulo, desenvolvido pelas Secretarias de Estado da Educação, sob a coordenação da Fundação para o Desenvolvimento da Educação (FDE) e tem por objetivo promover a inclusão digital e social dos alunos, professores e funcionários das escolas da rede pública estadual. Por meio da Internet, ele possibilita aos usuários o acesso às tecnologias da informação e comunicação, mais informações podem ser encontradas no site do programa³.

Como objetivo o programa também vem disponibilizar a comunidade escolar os recursos do ambiente web, promover a criação e o fortalecimento de uma rede de professores (uso, troca e produção de novos conteúdos), criar um ambiente de colaboração e troca de informações e conhecimentos entre alunos e professores e potencializar os usos da infraestrutura física e de equipamentos existentes na escola. Com isso, a Secretaria Estadual criou o Programa Acessa Escola visando proporcionar a apropriação das tecnologias da informação e comunicação a partir das salas de informática das escolas estaduais para a inclusão digital.

Esse programa tornou-se uma peça importante na pesquisa, onde vamos buscar saber, como está sendo o uso do computador das salas de aula de matemática do ensino fundamental II das escolas públicas estaduais de Limeira. Vale ressaltar que para o professor utilizar o laboratório de informática nessas escolas ele obrigatoriamente necessita fazer uso do programa Acessa Escola.

Para a utilização da sala onde se encontra o Acessa Escola, algumas regras foram criadas, para que as pessoas aproveitem da melhor maneira possível, tais normas são: Os computadores são de uso livre e gratuito; todos têm direito de usar o computador por trinta

³<http://acessaescola.fde.sp.gov.br/> (acessado às 14:28.05 do dia 10/02/2013)

minutos e ao término do tempo podem retornar ao final da fila para usar novamente por mais meia hora; todos os usuários precisam retirar uma senha para utilizar os computadores; todos têm os mesmos direitos de acesso; todos os usuários devem ser cadastrados e assinar um Termo de Adesão; os menores de 18 anos devem ter autorização dos pais e as salas funcionarão no horário escolar.

Na cidade de Limeira, do estado de São Paulo, onde a pesquisa tem sido realizada, esse programa se encontra somente nas escolas públicas estaduais que possuem Ensino Médio, pois um aluno desse nível de escolarização é responsável pelo laboratório, recebendo o nome de monitor. Segundo um agente da Diretoria de Ensino de Limeira, o programa será expandido para as escolas que possuem somente o Ensino Fundamental, a partir de 2013.

Para a escolha desse monitor é realizado um processo de seleção, e o aprovado recebe uma capacitação na área de informática, uma bolsa-auxílio no valor de R\$ 340,00 mensais e auxílio-transporte, tudo custeado pelo Estado com o compromisso de cumprir as regras acima mencionadas além de agendar os horários para os professores utilizarem o laboratório.

Esse programa mostra ser muito interessante, pois é baseado numa plataforma de controle chamada BlueControl, onde o estagiário pode monitorar o tempo de cada computador e consegue visualizar o que cada aluno está fazendo.

Outra ferramenta importante deste programa é o BlueLab onde o professor, durante sua aula, consegue monitorar os computadores dos alunos, enviando a todos no mesmo instante, uma apostila, artigo ou até mesmo alguma página da internet que julga interessante naquele momento.

Em resumo, com essas duas ferramentas, é possível que o professor tenha controle sobre o que ele deseja que o aluno esteja visualizando e trabalhando em determinadas aulas. Por exemplo, o professor achou interessante a reportagem da revista Z, e esse artigo está disponível em um site, com isso o professor envia o *link* para os alunos e tem a opção de “travar” o computador, de tal modo que o aluno não possa acessar outras ferramentas da máquina, ficando com o *link* da reportagem aberto no seu equipamento.

Essa ferramenta é conveniente, pois quando o professor estiver utilizando, determinado software, jogo ou algo que ele julgue de valor para a educação dos alunos, ele pode usar essa ferramenta com todos não correndo o risco de alguns estarem “navegando” na internet, enquanto ocorre a explicação. Essa é um importante instrumento criado, para

auxiliar o professor, quando estamos pensando no uso dos computadores dentro do ambiente educacional.

Outra informação atraente sobre o programa é que encontramos no seu sistema os softwares Geogebra e Graphmatica já instalados, prontos para serem usados durante as aulas de matemática e que podem se tornar uma importante instrumento de auxílio para o professor quando pensamos no conteúdo de geometria e funções, por exemplo.

4. A visão dos professores

Já sabemos que vários programas governamentais e estaduais foram criados, com o intuito de levar para dentro das escolas os computadores, investimentos foram feitos para a compra desses equipamentos e em particular no Estado de São Paulo.

Com o conhecimento do programa ACESSA ESCOLA, foi iniciada a pesquisa de campo, onde foi necessário levantar alguns dados sobre a utilização do computador no ambiente escolar. Assim fomos buscar inicialmente informações na Diretoria de Ensino de Limeira, onde entrevistamos o responsável pelo setor de tecnologia e os responsáveis pelo núcleo pedagógico de matemática.

Depois de obtidas as informações acerca da organização e disposição das escolas, fomos aos ambientes educacionais, buscar ouvir os professores através de questionários e entrevistas acerca de suas concepções sobre o uso dos computadores e sobre o programa Acesso Escola. O número de professores que participaram do questionário foi maior do que o número de professores entrevistados, pois alguns educadores se mostraram receosos em comentar sobre os programas do governo.

Contudo, algumas entrevistas foram realizadas e há um consenso dos professores em argumentar que o programa Acesso Escola não passa de uma *lan house* para os alunos, onde segundo os educadores, o computador é simplesmente uma diversão, para o estudante, quando ele vai até o laboratório de informática, como afirma o professor A⁴.

Professor A - O Acesso Escola na verdade tem outro nome é *Lan House* e na prática é uma *Lan House* mesmo, o aluno tem acesso a qualquer hora e aquilo que ele quer. O monitor só está ali para ver o tempo e não conteúdo, eu não vou ali para tomar conta de aluno, vou para ensinar matemática.

⁴Utilizarei siglas para os nomes dos professores, por motivos de ética e comprometimento com os educadores que se sujeitaram as entrevistas

Já o professor B, argumenta que ter que tomar conta de todos os alunos dentro do laboratório, e não ter um computador para cada aluno é inviável, pois além de observar os alunos ele não tem uma lousa digital, que segundo o educador ajudaria quando a aula fosse realizada na sala de informática.

Professor B - Agora ter todos os alunos, dentro da sala de informática a gente não tem controle. Precisa ficar monitorando, sozinho ainda. O ideal seria ter uma lousa digital para irmos fazendo junto, mas não temos isso. O ideal é ter uma pessoa disponível da área.

Podemos ver na fala desses professores que o programa, embora esteja já há um tempo em atividade, efetivamente ele não está surtindo efeitos dentro das escolas públicas. Seja pela falta de um monitor, de um técnico especializado ou até mesmo pela culpa que cai nas costas do professor, sobre algo que aconteça como, por exemplo, o sumiço do *mouse*, no qual o professor C relata “nós somos muito cobrados se alguma coisa acontecer. Se quebrar alguma coisa você tem que repor”.

Esses são alguns fatores que os professores apontam para o fracasso do programa Acessa Escola, e também para a utilização do laboratório de informática nas escolas. Outro ponto que chama atenção dentre os depoimentos ouvidos, foi quando o professor D e o professor E, começaram a falar sobre usar o computador com o seguinte diálogo.

Professor D: o governo dá o computador e ai? Eu estou preparado, mas a escola e o aluno não estão para mexer no computador.

Professor E: Eu não estou preparada não.

Professor D: Eu sei mexer em vários softwares.

Professor E: Você saber mexer é uma coisa, você ir lá e levar sua sala é outra.

Esse depoimento mostra que existem também professores que não estão preparados, e tem consciência que não é somente levar os alunos ao laboratório para mostrar como funciona, ou para aprender a ligar e desligar o equipamento, mostrando que se faz necessária uma capacitação desses educadores, assim como comenta Klaus Schlünzen Junior, coordenador do Núcleo de Educação a Distância da Universidade Estadual Paulista Júlio de Mesquita Filho (Unesp), em entrevista a revista Carta Capital, onde aponta que “O grande problema é a formação de professores, ela deve ser intensa e acompanhar qualquer inserção de TICs nas escolas”.

A capacitação do professor é uma peça importante no uso do computador dentro da escola, mas precisamos lembrar que tudo tem que ser bem estruturado de modo que isso funcione e tire o educador da sua zona de conforto como aponta Borba e Penteadó (2001).

Outro fato que precisamos nos atentar também é que “as inovações tecnológicas, em sua grande maioria, pressupõem mudança na prática docente”, como aponta Borba e Penteadó (2001, p.56). Tendo essa “mudança na prática docente” em vista, um dos professores entrevistados relata que o seu tempo é escasso para preparar material para usar o computador dentro do ambiente educacional, pois.

Professor A - Você tem que preparar a aula previamente, tentando imaginar tudo o que vai acontecer dentro da sala. Eu vou ter que preparar tudo isso para quatro séries diferentes, eu não ganho para isso, não tenho tempo para isso. Hoje talvez seja a primeira vez no ano que estamos discutindo matemática no HTPC⁵.

Faz-se necessário observar que não se deve atribuir mais uma tarefa ao professor sem antes pensar nas atuais tarefas que já são colocadas para esse profissional.

Essas são algumas considerações feitas pelos professores, que mostram que o programa ACESSA Escola e o computador ainda não se fazem presentes nas aulas de matemática das escolas públicas estaduais de Limeira – SP, cumprindo os objetivos previamente apresentados.

5. Análise de Discurso

Para analisarmos as entrevistas utilizei o método de Análise de Discurso, que segundo Bardin (1977),

Está situado e determinado não só pelo referente como pela posição do emissor nas relações de força e também pela sua relação com o receptor. O emissor e o receptor do discurso correspondem a lugares determinados na estrutura de uma formação social (BARDIN 1977, p.214).

Corroborando esse pensamento Rizzini, Castro e Sartor (1999), argumentam que a

Análise de Discurso estuda os processos discursivos característicos de um determinado grupo social e deve interrogar-se sobre a articulação entre o processo de produção de um discurso, as condições em que ele é produzido e seus efeitos.

⁵Hora de Trabalho Pedagógico Coletivo, as entrevistas foram feitas durante esse período para não atrapalhar o andamento das aulas.

Com isso as entrevistas vão buscar nos discursos dos professores como eles presenciam o programa Acessa Escola e como esses educadores estão vendo a inserção dos computadores nas aulas de matemática do Ensino Fundamental II.

Para tal Análise do Discurso, Fiorentini e Lorenzato (2006, p.141) destacam três enfoques distintos para análise de discurso. O primeiro foco é na estrutura formal da língua, o segundo se baseia na teoria da argumentação e o terceiro, o qual se enquadra esse artigo, é o foco que “busca desvendar as estratégias usadas pelos autores do discurso e os significados compartilhados pelos sujeitos em um grupo social, considerando o contexto social e histórico em que acontece o discurso”, pois, segundo os autores é o mais apropriado aos estudos educacionais.

Para realizar os discursos existem alguns procedimentos técnicos que favorecem a realização da Análise do Discurso, com isso, Fiorentini e Lorenzato (2006) apoiado em Rizzini, Castro e Sartor (1999), destacam alguns momentos que precisam ser levados em consideração quando se pensa na elaboração da Análise de Discurso:

Primeiro Momento: Constituição do *corpus* de análise aonde na primeira fase vai se organizar o material de análise, em um segundo momento vai se eliminar partes discursivas que forem repetitivas e por fim identificar os aspectos ou pontos de vistas que podem ser explorados durante a análise.

Segundo Momento: Procura do autor do discurso e de sua intenção deixando claro quem são os autores, para quem falam e por que. Precisa-se tomar cuidado com o autor do discurso, pois, a fala pode não ser do próprio autor, com expressões do tipo “alguém disse que...”.

Terceiro Momento: Identificar os temas ou argumentos do discurso, tendo já em vista quem é o autor, levantando os argumentos e/ou temas relevantes que podem ser utilizados para atingir seus objetivos.

Quarto Momento: Identificar o tipo de discurso que é produzido. Nesse momento Fiorentini e Lorenzato (2006), apresentam as considerações de Orlandi (2009) que identifica três tipos de discurso:

a) Discurso Autoritário onde a polissemia – quando tem mais de um significado para uma mesma palavra – é contida, o locutor se coloca como agente exclusivo, apagando sua relação com o interlocutor;

b) Discurso Polêmico onde a polissemia é controlada e procurar se chegar a um consenso. A negociação de significados pode ser calorosa e polêmica, prevalecendo à opinião do interlocutor com maior argumentação.

c) Discurso Lúdico onde a polissemia está aberta, onde os autores do discurso estão no mesmo nível hierárquico, os falantes tem facilidade para alterar seus pontos de vista.

Quinto Momento: Produção de um intertexto que expresse a coerência interna do discurso necessita-se tomar cuidado com a omissão de algumas palavras ou frases. Nesse caso consistem as motivações ou intenções subjacentes ao discurso, desvendando porque algo foi dito em determinado momento e da maneira como foi dito, com isso se faz um novo texto dando uma maior compreensão ao discurso analisado.

Sexto Momento: Identificação da estratégia do discurso onde se busca o que, segundo Lorenzato (1976, p.105) dá “inteligibilidade e organização ao discurso” onde “existem formas de falar peculiares a cada grupo social, maneiras pelas quais este grupo entende mais facilmente o que está sendo dito”. Como exemplo Fiorentini e Lorenzato (2006) citam a forma de falar dos professores, onde a fala dos matemáticos é diferente da fala dos pedagogos, cada um com sua forma peculiar de falar.

Depois de definido esses momentos, podemos começar a explorar algo a mais nas falas dos educadores quando questionados durante a entrevista.

No presente artigo, vamos focar mais o Quarto Momento, onde podemos ver os diferentes tipos de discursos que são sugeridos por Orlandi (2009), o mesmo autor nos alerta que

[...] não há nunca um discurso puramente autoritário, lúdico ou polêmico. O que há são misturas, articulações de modo que podemos dizer que um discurso tem um funcionamento dominante autoritário, ou tende para o autoritário (ORLANDI 2009, p.87).

Analisando as falas dos professores, pode-se afirmar que não são puramente de um tipo de discurso, mas sim articuladas entre o autoritário, lúdico e polêmico.

Orlandi (2009, p.87) também ressalta o modo de funcionamento desses discursos, onde o “discurso em análise tende para a paráfrase, ou para a monossemia⁶ (quando autoritário), tende para a polissemia (quando lúdico) e se divide entre polissemia e

⁶Monossemia (de monos = um; semia = significado) é a característica das palavras que têm um só significado (FERREIRA, 2009). No discurso religioso existe essa inclinação à monossemia porque geralmente os assuntos ou matérias tratados nessa linguagem são de caráter dogmático ou infalível para religião

paráfrase (quando polêmico)”. Podemos entender a paráfrase como o retorno aos mesmos espaços do dizer, produzindo diferentes formulações do mesmo dizer sedimentado, em outras palavras a paráfrase está do lado da estabilização.

Essas tipologias de discurso se fazem mediante as categorizações internas ao “funcionamento do próprio discurso: a relação entre os sujeitos, à relação com os sentidos, à relação com o referente discursivo (aquilo a que se refere o discurso)”, segundo palavras de Orlandi (2009, p.87), assim os tipos de discurso não constituem nenhum juízo de valor, mas pretendem ser uma descrição de seu funcionamento e, embora jamais seja encontrada em estado puro, a tipologia serve ao trabalho investigativo para que se compreenda, com maior clareza os tipos de relação que o discurso em análise estabelece e como majoritariamente, ele funciona.

Tendo isso em vista, podemos analisar a fala do professor A, como o traço de um discurso autoritário onde a monossemia se destaca com a seguinte frase “O ACESSA Escola na verdade tem outro nome é *Lan House* e na prática é uma *Lan House* mesmo” isso mostra um caráter de que a palavra ACESSA Escola tem um só sentido e uma só função que é de *Lan House*.

O discurso do professor B se adequa como um discurso com traço lúdico onde a polissemia está aberta e há uma mudança do ponto de vista do falante, podemos ver isso quando o professor argumenta que “dentro da sala de informática a gente não tem controle. O ideal seria ter uma lousa digital para irmos fazendo junto, mas não temos isso. O ideal é ter uma pessoa disponível da área” com isso observa-se que o professor não acredita na utilização do laboratório de informática, mas se tiver uma lousa digital e uma pessoa da área de informática é possível realizar as aulas utilizando o computador.

Quando os professores D e E discutem sobre o uso do computador, podemos ver indícios de um discurso polêmico, pois quando o professor E argumenta que “saber mexer é uma coisa, você ir lá e levar sua sala é outra”, há uma negociação de significados e com o silêncio do professor D, com relação a tal alegação, podemos concluir que prevaleceu a significação do interlocutor com maior conhecimento ou argumentação.

Tendo em vista esses exemplos citados, Bardin (1977, p.96) conclui seu livro relatando que “a linguagem não se dá como evidência, oferece-se como lugar de descoberta. Lugar do discurso”. Isso ficou evidente durante as entrevistas com os professores, onde juntos, fomos descobrindo mais informações sobre o programa ACESSA Escola e sobre o uso dos computadores na aula de matemática.

Quando conversamos com os educadores, foi possível encontrar os diversos tipos de discursos acerca do tema que foi abordado e que há interesse dos educadores quando discursamos sobre a utilização dos computadores nas aulas de matemática do Ensino Fundamental II.

6. Considerações Finais

Algumas considerações se fazem necessárias para este artigo, uma visão particular do pesquisador, que esteve conversando com diversos professores, em 10 escolas públicas estaduais da cidade de Limeira – SP.

Pode-se afirmar que o programa *Acessa Escola* pode representar grande potencial para a utilização dos computadores dentro do ambiente educacional, porém foi possível observar que, a maioria dos professores não sabe como funciona o programa e que as plataformas *BlueLab* e *BlueControl* são um grande diferencial do programa.

Foi constatado também em algumas das entrevistas, que os professores não sabiam que os softwares *Geogebra* e o *Graphmatica* estavam instalados e disponíveis para o uso nos laboratórios das escolas.

Quando o professor A argumenta que precisaria preparar a aula previamente para diversas séries e que não ganha para isso, acredito que o professor tem sua razão, mas o educador precisa também sair da sua zona de conforto e aos poucos ir para uma “zona de risco, na qual é preciso avaliar constantemente as consequências das ações propostas” como relatam Borba e Penteado (2001, p.57). Com isso o professor vai gerar novos desafios, e vai começar a lidar com algumas situações imprevisíveis, algumas envolvendo um conhecimento maior no manuseio do computador outras relacionadas com o conteúdo matemático.

E por fim vale reforçar a fala do professor E, que argumenta que não está preparado e que saber mexer em softwares não é tudo, a grande questão é levar o aluno para o laboratório e realizar uma aula com o computador. Nessa fala do professor podemos ver que a capacitação dos educadores ainda não é satisfatória, diversos professores recém-formados não estão sendo preparados nas universidades para ministrar aulas usando o computador como aponta Maltempi (2008), onde

A formação inicial dos cursos de licenciatura em matemática, no geral, pouco mudou nas últimas décadas no que se refere à incorporação das

tecnologias na prática docente e, portanto, continua-se formando professores cujo referencial de prática pedagógica é aquele no qual tecnologias não tomam parte (MALTEMPI 2008, p.64).

A maior parte dos cursos de graduação no Brasil que buscaram introduzir as TICs na formação inicial de professores de matemática o fez pela via da criação de uma disciplina isolada, que, muitas vezes, é concebida como disciplina optativa como relata Chinellato e Canto (2012).

Esses são alguns pontos que merecem destaque, quando nos referimos ao programa ACESSA Escola e a visão dos professores em relação ao programa e do uso dos computadores nas aulas de matemática do Ensino Fundamental II.

7. Agradecimento

Agradecemos a todos os professores que fizeram parte dessa pesquisa, e que se mostraram interessados em colaborar e participar do projeto. Agradecer também a Diretoria de Ensino Região de Limeira, pelas informações fornecidas e pelo atendimento que foi dado.

Agradecer também ao GPIMEM (Grupo de Pesquisa em Informática Outras Mídias e Educação Matemática) do campus de UNESP de Rio Claro pelo apoio e orientação durante toda a fase de coleta de dados, indicações de obras literárias e suporte fornecido.

E por fim agradecer a CAPES (Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior) por fazer parte desse trabalho, com a concessão da bolsa de mestrado.

8. Referências

BARDIN, L. **Análise de conteúdo**. Tradução de Luís Antero Reto e Augusto Pinheiro. Lisboa: Edições 70, 2002. 226p.

BORBA, M. C., PENTEADO, M. G.. **Informática e Educação Matemática**. 3. ed. 2. reimp. Belo Horizonte: Autêntica, 2007. p.100.

BRASIL. Ministério da Educação. **Programa Nacional de Tecnologia Educacional (ProInfo)**. Disponível em <http://portal.mec.gov.br/index.php?option=com_content&view=article&id=244&Itemid=823> Acessado em: 9 de fevereiro de 2013 às 13:20.45.

BRASIL. Ministério da Educação. **Fundo Nacional de Desenvolvimento da Educação. Escolas públicas vão receber mais laboratórios de informática e DVD.** Disponível em < <http://www.fnde.gov.br/fnde/sala-de-imprensa/noticias/item/1091-escolas-p%C3%BAblicas-v%C3%A3o-receber-mais-laborat%C3%B3rios-de-inform%C3%A1tica-e-dvd> > Acessado em: 8 de fevereiro de 2013 às 13:23.49.

CARDOSO, C. **Tablets na sala de aula: mais do mesmo** [online]. Revista Carta Capital, 10 de julho de 2012. Disponível em <<http://www.cartacapital.com.br/carta-na-escola/tablets-na-sabela-de-aula-mais-do-mesmo/>>. Acessado em: 10 de fevereiro de 2013 às 20:32.54.

CHINELLATO, T. G., CANTO, T. S. **Possibilidade de integração das tecnologias na formação de professores de matemática**, 2012. Trabalho apresentado a 26 Reunião Latino Americana de Educação Matemática, Belo Horizonte, 2012.

COSENZA, C.A. (Org.) (1985). “**Um Relato do Estado Atual da Informática no Ensino no Brasil**”. Ministério da Educação e Cultura; Fundação Centro Brasileiro de TV Educativa - Versão Preliminar. Brasília.

FIORENTINI, D.; LORENZATO, S. **Investigação em educação matemática: percursos teóricos e metodológicos**. Campinas, SP: Autores Associados, 2006. – (Coleção formação de professores). 240p

LORENZATO, S. **Subsídios metodológicos para o ensino de matemática: cálculo de área de figuras planas**. 1976, v.1, 171p, v.2, 171p. Tese (Doutorado em Educação) – Faculdade de Educação, Universidade Estadual de Campinas, Campinas.

MALTEMPI, M. V. **Educação matemática e tecnologias digitais: reflexões sobre a prática e formação docente**. Acta Scientiae, Canoas v.10 n.1 p. 59-67 jan./jun. 2008.

MARX, D. **Informática Aplicada À Educação: Programas Educativos Para O Ensino Fundamental**, [ca.2008]. Disponível em < http://artigos.netsaber.com.br/resumo_artigo_7806/artigo_sobre_informatica_aplicada_%C3%80_educacao:_programas_educativos_para_o_ensino_fundamental > Acessado em: 4 de fevereiro de 2013 às 23:43.12.

OLIVEIRA, R. **Informática Educativa: magistério, formação e trabalho pedagógico**. São Paulo: Papirus, 2007.

ORLANDI, E. P. **Análise de Discurso: Princípios & Procedimentos**. Campinas, SP: Pontes 8a Ed. 2009. 100p.

RIZZINI, I.; CASTRO, M.R.; SARTOR, C.D. **Pesquisando...: guia de metodologias de pesquisa para programa sociais**. Rio de Janeiro: USU Ed: Universitária/CESPI/USU, 1999. 147p.

